

## A MULHER “DE VERDADE” DE AMÉLIA: A TRANSGRESSÃO MORALIZADA DA RAINHA DO LAR

|   |   |  |
|---|---|--|
| <b>Juliana Farias Santos</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br><a href="mailto:juliana22fsantos1@gmail.com">juliana22fsantos1@gmail.com</a> | <b>Camila Barreto Cavalcante</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br><a href="mailto:psicologa.camilabarreto@gmail.com">psicologa.camilabarreto@gmail.com</a> | <b>Débora dos Reis Silva Backes</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br><a href="mailto:debsilvabac@gmail.com">debsilvabac@gmail.com</a> |
|---|---|--|

### Resumo

A escrita deste artigo nasceu das inspirações provocadas pela história e vida de Amélia Augusta Rodrigues do Sacramento. Mulher do interior baiano, que se diferenciou em sua época por ter feito mais do que era permitido às demais, aprendeu não só a ler e contar, mas a uma gama de possibilidades de acesso a leituras e materiais que a promoveram para uma Educação além do lar. Esse material inquieta e deseja sacudir estruturas, questionando sobre o que pode o corpo mulher que está em casa, que lava e que passa, trazendo autores como Silva (1997) e Alves (1998) nas contações sobre Amélia e fazendo conversações com Deleuze (1992), Foucault (1990, 2013) e Guacira Louro (1997). Além daqueles que se conectam nessas escrevinhações como Machado e De Souza Nascimento. Amélia se movimentou do dever ao devir. Sua vida e a Educação que defendia provocavam subversões, assim como sua escrita se constitua enquanto reveladora de paradoxos.

**Palavras-chave:** Gênero; Educação; Amélia Rodrigues; Escrita feminista; Moral.

### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

## Juliana Farias Santos

Mestra e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGED) pela Universidade Federal de Sergipe. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Possui MBA em Gestão Escolar. Pesquisa na área de História, Sociedade e Pensamento Educacional, na Linha de Pesquisa Sociedade, Subjetividades e Pensamento Educacional. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS).



[lattes.cnpq.br/0055852777165624](https://lattes.cnpq.br/0055852777165624)



[orcid.org/0000-0002-3880-0586](https://orcid.org/0000-0002-3880-0586)

## Camila Barreto Cavalcante

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Tiradentes (2011). 14 anos atuando como Psicóloga Escolar e especialista na área. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Escritora e Contoterapeuta, com publicação de capítulo no Livro Conto Expressão. Professora Universitária do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes. Além disso, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas de Currículo, Discurso e Educação em Ciências. Apaixonada pela arte, pela dança, música e vida. Utiliza a página no Instagram para publicações relacionadas ao Voar da Mente @vuela.mente.



[lattes.cnpq.br/4192715839877379](https://lattes.cnpq.br/4192715839877379)



[orcid.org/0009-0008-7556-4368](https://orcid.org/0009-0008-7556-4368)

### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

## Débora dos Reis Silva Backes

Mestra e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades/UFS. Pesquisadora no Projeto Trajetórias Educativas de Discentes e Egressas (os) de Programas de Pós-graduação em Educação na perspectiva da interseccionalidade (UFS, UFRGS, PUC/RS e UCDB/MS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



[lattes.cnpq.br/5890454221878571](https://lattes.cnpq.br/5890454221878571)



[orcid.org/0000-0003-4466-2658](https://orcid.org/0000-0003-4466-2658)

### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

## A MULHER “DE VERDADE” DE AMÉLIA: A TRANSGRESSÃO MORALIZADA DA RAINHA DO LAR

|   |   |  |
|---|---|--|
| <b>Juliana Farias Santos</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br>( <a href="mailto:juliana22fsantos1@gmail.com">juliana22fsantos1@gmail.com</a> ) | <b>Camila Barreto Cavalcante</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br>( <a href="mailto:psicologa.camilabarreto@gmail.com">psicologa.camilabarreto@gmail.com</a> ) | <b>Débora dos Reis Silva Backes</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br>( <a href="mailto:debsilvabac@gmail.com">debsilvabac@gmail.com</a> ) |
|---|---|--|

### Introdução

As autoras deste artigo andam juntas entre pesquisas e escrevinhações. Das partilhas e estudos coletivos nascem ideais, caminhos e movimentos outros que potencializam o coletivo. Mulheres, mães, profissionais da Educação<sup>1</sup>, alunas de Pós-Graduação em Educação, orientadas por uma orientadora atravessada por fios de narrativas que as conectam nessas múltiplas possibilidades de existência e fazem desse encontro acadêmico caminhos outros de produção científica. Desse modo, as “obrigações” se tornam mais leves.

Destacando o GPECS – Grupo de Educação, Cultura e Subjetividades, por meio desse espaço construído pela professora Dra. Dinamara Garcia Feldens, inspirada na filosofia da diferença, saberes e conhecimentos são construídos e desconstruídos. Criações são feitas em bando e fazendo percursos e brechas para que mulheres adentrem cada vez mais, no campo acadêmico, mesmo diante dos desafios que enfrentam.

Amélia se apresentou a uma das autoras deste artigo no momento das análises durante o desenvolvimento de sua dissertação. Dentre as leituras que foram realizadas na disciplina Educação Moral – material de pesquisa -, estava a obra Mestra e Mãe, as linhas que teceram o livro citado provocaram reflexões a ponto de transbordar e inquietar as demais. Desse modo, entre cafés e estudos das tardes, surge a inquietação e o desejo de escrever sobre Amélia Augusta Rodrigues.

<sup>1</sup> A palavra “educação” contida ao longo do artigo traz dois modos de escrita. “Educação” com a inicial em maiúscula, com o objetivo de nos referir enquanto instituição. Já com a inicial minúscula: processos educativos e de aprendizagens.

#### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Buscadoras e curiosas com a vida paradoxal de Amélia Rodrigues, observamos suas contribuições para os movimentos mais libertários em relação às mulheres de sua época, ao mesmo tempo em que também reforçaram discursos clericais. Portanto, essa escrita tem como objetivo acompanhar tais mobilizações dentro do contexto experienciado por Amélia tomando Foucault, Deleuze e autores afins como referencial epistemológico para a realização das discussões propostas, buscando avizinhar momentos histórico-sociais e suas consequentes influências nos processos de subjetivação que produziram corpos femininos por meio de padrões estéticos propagados pelos discursos validados pelo sistema cis-heteropatriarcal.

Essa escrita de mãos dadas está dividida em duas partes, sendo a primeira destinada a trazer o contexto da escritora Amélia Rodrigues, seus percursos, escritas literárias e seu movimento de adentrar nas brechas em um espaço eminentemente masculino (enquanto escritora). A segunda parte vai na direção de perceber a luta de Amélia pela instrução feminina, bem como sua aliança estratégica com a Igreja Católica. Na subseção, adentramos na obra *Mestra e Mãe* para trazermos junto aos autores da Filosofia da Diferença (Foucault e Deleuze) a perspectiva de Amélia sobre a Educação feminina atrelada aos interesses cristãos.

## Caminhares de Amélia: contextos de uma educadora

Em 26 de maio de 1861, nasce Amélia Augusta Rodrigues do Sacramento na Freguesia de Oliveira dos Campinhos, município de Santo Amaro, interior do estado da Bahia. Seus pais, Félix Rodrigues e Maria Roquelina Rodrigues, investiram na escolarização da filha que começou seus estudos com o cônego Alexandre do Prado Valadares, familiar distante dela. Seguiu instruindo-se com dois professores, Antônio de Araújo Gomes de Sá e Manuel Rodrigues Martins Almeida, se aprofundando nos estudos sobre línguas vernáculas, latim, alemão, matemática (ALVES, 1998; SILVA, 2017).

Nesse início de contexto, já foi perceptível que a educação recebida por Amélia se diferenciava do que era permitido às mulheres da época. Tendo acesso a professores particulares, ela aprendeu não só a ler e contar, mas a uma gama de possibilidades de contato com leituras e materiais que possibilitaram que sua educação fosse para além do lar. Aos 17 anos, ela ingressou em uma escola formal particular, na cidade de Santo Amaro, onde se preparou para o magistério (ALVES, 1998).

### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Amélia, que ainda jovem (há algumas contradições a respeito da idade com a qual ela foi aprovada em concurso público: em Alves, (1998) consta que foi com 19 anos, já em Silva (2017) consta que foi aos 18 anos), ingressou em primeiro lugar no certame em Santo Amaro, onde exerceu o magistério em um povoado próximo à cidade. Alves (1998) aponta que o desempenho de Amélia na realização deste concurso foi tão excelente que os jornais da época noticiaram o feito da jovem moça.

Desde os 12 anos, Amélia já demonstrava seu talento para a literatura. Aos 18 anos, escrevia e publicava poemas em periódicos em Santo Amaro e na capital, emergindo assim na cena pública. Segundo Alves (1998), a escritora publicou seu primeiro livro aos 22 anos, intitulado *Filenila* - um longo poema. Aos 25 anos, Amélia estreia no teatro local, com a peça *Fausta*, drama que teve grande repercussão local e concedeu a ela o título de escritora, sendo reconhecida em um território literário predominantemente masculino na época.

Em 1882, sua publicação destaque foi o folhetim *O mameluco*. Já em 1896, *A promessa* e em 1898, *Mestra e mãe*. Dentre seus anos marcantes, contamos com 1891, em que Amélia Rodrigues mudou-se para Salvador, onde foi admitida através de outro concurso. Para além da sala de aula, ela também se dedicou ao jornalismo, expandindo suas experiências, aproveitando as oportunidades que a vivência em Salvador lhe oferecia. Além disso, escreveu para diferentes periódicos da Bahia e do Brasil, sendo responsável pela criação da primeira revista feminina da Bahia: *A Paladina* (1910), mais um marco na sua história. Posteriormente, em 1913 ajudou a lançar: *A voz da Liga das Senhoras Católicas* (Silva, 2017).

Leite (1997) aponta que a Liga Catholica das Senhoras Baianas, organizada conforme alguns moldes europeus, era também responsável por propagar a religião católica, além de buscar a melhoria das condições de vida da mulher na sociedade da época. Tal liga ainda se encarregava de propagar a moralização dos costumes na sociedade baiana, dentre outras atividades de cunho moral e social. Sob um viés assistencialista, Amélia convocava as mulheres a participar da resolução de problemas de ordem social, para que estas atuassem na esfera pública, já que exerciam muito bem as funções de cuidados no âmbito privado.

Neste momento da vida, Amélia que anteriormente atuou em teatro, agora levantava a bandeira que tais atividades de lazer (cinema e teatro) eram apontadas como sendo fonte de muitos males sociais, imorais e até vergonhosos que poderiam desonrar aquelas que assistissem. Segundo Leite (1997), uma das estratégias de Amélia, junto às demais integrantes da Liga, foi propor greve contra as apresentações teatrais, além da criação de órgãos de censura para o cinema, favorecendo os valores morais e a preservação dos bons costumes das senhoras honestas, praticantes da caridade cristã de Salvador.

#### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Os textos de Amélia Rodrigues lhe deram rendimento, como por exemplo dando-lhe destaque como uma das primeiras mulheres do seu período a se profissionalizar. Originada de uma família humilde, os fatos sociais lhe colocaram no trabalho desde a juventude, apoiando-se nos laços que manteve com a Igreja Católica, pôde se instruir e desenvolver seu talento (SILVA, 2017). Definida como feminista, Amélia defendeu os direitos da mulher à instrução, mas se posicionava contra os movimentos feministas que tinham como pauta afastar as mulheres de suas obrigações socialmente impostas de esposa, mãe e contruibuidora da pátria.

Silva (2017) aponta que Amélia, assim como outras militantes da época, temia a masculinização das mulheres, caso elas se ausentassem das suas atribuições do lar. Em muitos dos seus textos, ela enaltece a questão da manutenção do casamento e da maternidade, ficando assim em conformidade ao que era esperado das mulheres da época (casar e ter filhos) embora tenha explicitado sua luta pela instrução delas para que ocupassem os espaços públicos, deixando mais uma contradição em aberto. Em outros momentos, Amélia justificava sua escrita para que esta não entrasse em conflito com os costumes e valores do público leitor das suas obras.

A escrita feminina, naquele período, foi tomada como instrumento de conquista de espaços considerados masculinos, afirmativa essa que pode ser ratificada por meio da produção literária da escritora Amélia Rodrigues e de outras tantas mulheres brasileiras entre o século XIX e XX. Salve, salve a esses atos de subversão; prática questionadora dos “lugares” sociais ocupados por homens e mulheres nos espaços públicos e privados (SILVA, 2017).

Os textos de Amélia delinham um pouco de uma escrita de si mesma, na qual suas memórias “ficcionalizadas” justificam as escolhas que constituíram sua subjetividade e sua escrita voltada especialmente para moças (SILVA, 2017). Através de poesias, romances, contos e peças teatrais, Amélia Rodrigues expressou memórias e experiências femininas, trazendo à tona o contexto de opressão. O que também se tornou significativo quando a escritora trouxe em sua narrativa o protagonismo feminino. Em suas obras as mulheres assumem uma posição de sujeitos mais ativos política e socialmente (SILVA, 2017).

Amélia ressalta o aspecto transitório da vida, lembrando que tudo é passageiro e que nada é perfeito. E essa ideia esteve presente em inúmeros momentos da obra da escritora. Alves (1998) observou que Amélia não acreditava muito na relação entre o futuro e felicidade, assim, segundo ela, a vida deveria ser pautada em valores que dignificassem a passagem pelo plano terreno. Se tudo era efêmero, então que ficassem as boas obras:

**TEMÁTICA LIVRE**

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Onde encontro a paz? ...Pergunto-me a todo instante. Procurei-a há tempos idos... Num lugarejo distante... Procurei-a num largo anfiteatro E ainda não achei... Procurei-a, desta vez, num circo E também não encontrei... Então pensei: Está no lar!... Mas também lá não estava. E pus-me novamente a buscá-la nos canteiros floridos, no pôr-do-sol, em todas as maravilhas do Universo

E nada consegui encontrar... Um dia, embaraçada com tanta busca,

Perdi-me dentro de mim E... Qual não foi a minha surpresa! Lá estava ela... A sorrir.

Esse poema, que não tem ano destacado, foi retirado de páginas de escritas espiritualistas. Vale destacar que, diante do contexto espiritual, existe uma história a respeito da sua morte. Após a sua morte física, foi recebida no mundo espiritual pelo grupo de Joanna de Angelis, mentora de Divaldo Franco, fazendo parte de seus trabalhos da espiritualidade (DIONISI, 2021). Sendo assim, alguns poemas são recebidos por meio de psicografia, por ser um tema recorrente na literatura espírita.

No entanto, articula-se esse poema na provocação de um eu lírico feminino que, procurando pela paz, cansa dessa busca no externo (fora) e volta-se a si, fazendo disso uma forma de resistir e existir, um devir, um ponto de fuga, brecha convidativa a outras mulheres, para que elas pudessem fazer perfurações outras, avançando além do lar.

Nesse sentido, em algumas escritas ela refletiu a respeito do fazer-se mulher, o que para a escritora deveria perpassar além das vaidades e futilidades de uma sociedade que cultivava uma beleza aparente e imperfeita, uma beleza que oprimia e mutilava as mulheres, na tentativa de moldá-las a determinados padrões. Mesmo dentro de uma perspectiva religiosa, essa ideia não deixava de ser subversiva. Repensar o feminino para além da representação dominante se constituía como algo dissonante naquele período (SILVA, 2017). Nas próximas linhas faremos percursos de conversações com as mulheres de Amélia ou seria: “as mulheres para Amélia?”.

## O que pode a dona de casa que limpa, lava e passa?

O estudo de Alves (1998) vem apontando que Amélia se definia como feminista, na defesa dos direitos femininos à instrução, talvez por perceber como o peso da responsabilidade dos cuidados com os filhos e com os afazeres domésticos recaíam inteiramente sobre a mulher. As marcas do Brasil provincial, dominado pelo regime colonial e patriarcal permeiam a questão da “passividade feminina”, que implicava no confinamento da mulher na esfera doméstica. Tais elementos perpassam a escrita da autora que percebia tal movimento repetitivo.

### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Um tanto paradoxal, a autodefinição de Amélia enquanto feminista ia de um extremo ao outro, defendendo a instrução da mulher da época, mas ao mesmo tempo, cuidando para que as influências dos movimentos feministas norte-americanos não invadissem o território cristão brasileiro, se posicionando contra os movimentos que pudessem afastar as mulheres de suas obrigações enquanto dona de casa e servidora da pátria (ALVES, 1998).

Alves (1998) e Silva (2017) ressaltam que uma das estratégias de Amélia para continuar escrevendo e sobrevivendo enquanto mulher escritora, inserida em um lugar conservador, reservado a escritas masculinas, se constituiu em se aliançar à igreja católica, desenvolvendo escritos que se voltassem para o cumprimento de uma “missão divina”, pautados em valores morais, resguardados pela Igreja. Dessa forma, Amélia foi ganhando cada vez mais espaço na divulgação das suas obras, estabelecendo-se como uma das poucas mulheres a se profissionalizar como escritora (SILVA, 2017).

Em alguns dos seus escritos, ela defendeu a instrução feminina alegando ser contra a ideia de que o homem seria intelectualmente superior à mulher. Uma outra estratégia utilizada pela escritora em defesa da instrução feminina foi alegar que seria preciso educar as moças baianas para que se chegasse ao ideal de modernidade que se alastrava pelo país naquela época. Silva (2017) aponta que também pela influência da Igreja, Amélia optou por defender uma ideia de “civildade cristã”, sendo esta regida a partir de determinadas normas e condutas.

A educação cristã, defendida pela escritora perpassava não só a questão da instrução das moças leitoras, mas também a vigilância sobre seus corpos, fossem estes vigiados no seu modo de se comportar, bem como na sua forma de circulação de alguns espaços, a exemplo do teatro e do cinema. A autora advertiu as mães, em algumas de suas conferências, sobre o perigo de deixar as moças realizarem determinadas leituras, a exemplo de romances “apaixonados”, alegando que estes poderiam prejudicar os costumes e “manchar o coração” (SILVA, 2017).

Amélia Rodrigues teve sua trajetória literária marcada por três momentos: o primeiro foi marcado pela defesa da educação feminina, enfatizando a publicação da obra *Mestra e Mãe* (1898); o segundo reforçou a militância da mulher católica para uma atuação para além do âmbito doméstico; o terceiro emerge quando a autora esteve no Rio de Janeiro, entrando em contato com as dimensões que as lutas femininas já haviam alcançado, a exemplo da abertura profissional para as mulheres e do direito ao voto (ALVES, 1998). O tópico a seguir alinha-se ao primeiro momento de sua trajetória literária.

**TEMÁTICA LIVRE**

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

## Mulheres devem ser instruídas, porém obedientes: o *Mestra e Mãe* (1898)

O romance *Mestra e Mãe* se passa no sertão baiano, lugar em que a igreja católica exercia um forte papel enquanto colonizadora e moralizadora dos costumes, ainda nos tempos imperiais. Além de trazer os lugares, tradições e personagens marcantes, a obra ainda retrata a imagem da mulher caridosa, abnegada e vocacionada ao dever, atributos que dialogavam com os valores morais e religiosos da época, valores esses os quais Amélia se apoiava ao pensar em uma educação para mulheres. A esse respeito, a pesquisadora Caroline Silva (2018) sinaliza que:

O romance está dividido em quatro partes, a primeira delas trata da chegada de D. Mercês e a fundação da escola; a segunda e terceira apresentam as crianças em suas experiências na escola e na vida cotidiano do sertão; e na quarta parte, Amélia narrou o desenvolvimento das meninas que, passados alguns anos, tornaram-se moças, prontas para casar (SILVA, 2018, p. 160)

A respeito do primeiro momento militante de Rodrigues, discorreremos um pouco sobre essa obra, que se constituiu como um manual de educação moral e cívica, destinado principalmente às moças, cujos papéis consistiam em futuras mestras e mães, também no qual a autora conta sua própria trajetória, sobre os atravessamentos da sua vida.

Enquanto os escritores da época falavam de educação voltada para a elite urbana da Bahia, Amélia questionava a educação que era oferecida às mulheres na época, problematizando sobre a educação oferecida a crianças pobres, enfatizando as meninas do sertão baiano. Vincular a educação oferecida às meninas, em um povoado de zona rural, à palavra de Deus foi uma das estratégias, no romance, para que isso fosse aceito pela comunidade e fosse construída uma escola para meninas ali no povoado.

O romance vem recheado de ensinamentos, aconselhamentos e experiências vivenciadas pelos personagens, sempre trazendo um caráter moralizante como forma de aprendizado. A autora, além de trazer a importância da formação feminina, mesmo sendo para retornar ao lar, enfatiza também a questão da formação cívica das meninas, preocupando-se com suas cidadanias, já que o país caminhava em um movimento de “progresso”.

Educar para que melhor se exercesse as funções domésticas, para disciplinar e moralizar os hábitos femininos. Ao longo do romance, a escritora reafirmou essas posições, e continuamente desenrolou situações que reforçavam valores, como cultivo da humildade, da fé e do patriotismo. (SILVA, 2017, p. 191)

### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Neste trecho, Silva (2017) aponta como o romance deixa nítido seu posicionamento a respeito da educação feminina: melhorar o exercício desta no lar, disciplinar e moralizar.

O indivíduo não é o dado sobre o qual se exerce e se abate o poder. O indivíduo com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação que se exerce sobre os corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, forças. (FOUCAULT, 1990, pp. 161-162)

Michel Foucault (1990) desenvolveu minuciosas reflexões demonstrando como historicamente, a partir dos séculos XVII e XVIII, as práticas de poder vinculadas aos saberes se estruturaram enquanto disciplina se estabelecendo por todo o corpo social, nas mais diferentes instituições (FOUCAULT, 1990). O autor elaborava assim o conceito de sociedade disciplinar, buscando acompanhar a configuração da sociedade europeia no período de ascensão do capitalismo e gradativa queda da monarquia. Em tais sociedades, as instituições se responsabilizam pelos papéis de vigilância, normatização e diagnóstico perene dos sujeitos, fundamentando o poder enquanto formatador de corpos e elaborador de condutas (FOUCAULT, 2013).

Percebendo o sujeito humano inserido em relações de produção e sentido e, portanto, em relações de poder, o autor apresenta uma formulação do poder como relação de forças, colocando a questão num regime não apenas de castração e impedimentos, como também no regime de produção na medida em que o poder cria, provoca, constrói.

Ora, pensando a partir das elaborações de Foucault, é possível questionarmos que corpos seriam ideais a esse modelo de sociedade? A resposta pode ser percebida, por exemplo, nas mulheres que, em primeiro momento sequer recebiam Educação, posto que eram consideradas inábeis ao aprendizado ou ainda por apresentarem "funções" previstas enquanto meramente circunscritas ao ambiente privado do lar, para as quais não havia necessidade de instrução, afinal (até então) cuidar do lar e das pessoas não exigia nada mais do que critérios "naturalmente" femininos (docilidade, abnegação, paciência). E em um segundo momento, cumprindo com as necessidades da pátria (gestar, parir, cuidar e educar cidadãos) assim como para assumirem a manutenção da família nuclear, as mulheres foram "promovidas" a cidadãs com direito à educação, contudo (e aqui o encontro com as considerações de Amélia Rodrigues) com restrições.

Sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as "mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas", ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses menores de instrução. Na opinião de muitos, não havia

#### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial — como esposa e mãe — exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos. (LOURO, 1997, pp. 446-447)

Os exercícios de poder disciplinar considerados até aqui nos conduzem às considerações de Foucault, sobretudo, no que se refere às vinculações entre instituições, disciplina e subjetividades, para pensarmos como a educação das mulheres foi se constituindo como ferramenta que enclausura corpos para melhor controlá-los, sob uma perspectiva disciplinar.

A disciplina se constitui então nesse dispositivo que possibilita o exercício dessa relação de forças em que se constitui o poder, imprimindo punições apenas como último recurso, espada essa que permanece sobre os corpos controlando-os pelo medo. Desse modo, a sociedade disciplinar se desenvolveu na condução de individualidades, em que cada um se vigia ao mesmo tempo em que vigia o outro. Nesta direção, Jaqueline Machado (2020) sinaliza que

No Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX, o projeto de higienização que se ocupou dos corpos das mulheres e a construção do modelo mulher-mãe objetivavam moldar o comportamento feminino por intermédio do casamento indissolúvel, comedido, recatado, em que a sexualidade tinha como objetivo a procriação. A intervenção médico-estatal sobre a sociedade incidiu primordialmente no comportamento familiar e delegou lugares específicos para homens e mulheres. (MACHADO, 2020, p. 1121)

Deleuze (1992), acompanhando os movimentos foucaultianos, nos fala de um movimento de modulação contínua que, com a mesma rapidez que produz modelos, os modifica, adapta, pulveriza, fazendo assim com que não sejam sequer percebidos. Esse novo arranjo social ficou conhecido como sociedade de controle (DELEUZE, 1992). Para Deleuze (1992), na sociedade do controle o poder não se desenha por meio das punições, mas sim por meio das narrativas, produzindo normas flutuantes as quais os indivíduos buscam se encaixar (identidades), capturando por fim (e desde o começo) o desejo.

O corpo feminino foi produzido ao longo da História por regulamentações e imposições. O culto a todas as funções exigidas pela manutenção do bem-estar da família, entre elas a maternidade, foi o terreno fértil para que o amor materno fosse naturalizado, normalizado e generalizado enquanto condição feminina referendada pelo determinismo biológico (VAZQUEZ, 2014).

#### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Dessa forma, regras e normas sobre as perspectivas a respeito do corpo das mulheres foram se compondo a partir da construção social e cultural, construindo narrativas que se impregnaram eficientemente no imaginário coletivo e capturaram esse corpo que sofreu (e ainda sofre) influência especialmente do discurso religioso e do científico (DE SOUZA NASCIMENTO, 2023).

Para atuarem como “semeadoras” da pátria que se disseminava, as futuras mestras e mães, deveriam espalhar as sementes morais sobre seus filhos, filhas, alunos e alunas; para que estes entendessem sua “missão” enquanto cidadãos desde cedo. Silva (2017) sinaliza que esse foi um destaque na obra, colocando não só as mulheres, mas também as crianças como tendo papéis relevantes perante a nação que se tecia.

Um dos pontos a se destacar na obra seria a concepção de Amélia de que toda mestra deveria se comportar como mãe de seus alunos, com compaixão e paciência. Através da personagem D. Mercês, Amélia retrata o que seria sua concepção do que seria uma mãe

O amor maternal, desde que vem de Deus, é um elemento de ordem e não de desordem. Deus pôs no coração das mães esse sentimento incomparável para fazê-las cumprir sua difícil tarefa da maneira mais suave. E a mulher inteligente saberá sacrificar pelo verdadeiro bem de seus filhos até mesmo esse afeto, quando necessário for. Se a mãe não amasse os frutos de suas entranhas, não suportaria resignada e forte os trabalhos que eles custam, e é preciso que ela os ame mais do que a si mesma para sofrer a dor de castiga-los quando merece. (RODRIGUES, 1929, p. 223)

Através deste trecho, nota-se que a autora traz a questão do mito do amor materno (BADINTER, 1985), em que toda mulher “nasceu para ser mãe”, que tal sentimento seria um “dom divino”, e que ser mãe seria uma tarefa da mulher, enaltecendo os valores patriarcais da época em que a obra foi escrita. Ao longo do romance, a autora ainda acrescenta que toda mãe deveria ser instruída para se comportar como mestra dos seus filhos, destacando aqui a sua luta pela instrução feminina, mesmo que fosse para retornar ao lar. Silva (2017) ainda aponta que Amélia não se afastou do que estava sendo produzido de literatura no Brasil naquele momento, assim sua escrita foi pautada em valores cívicos-morais.

Mesmo enaltecendo os valores acima mencionados, a escritora permitiu, através de suas personagens vivas e ativas, um outro lugar de ação e atuação das mulheres, para além dos espaços já reservados a estas. A autora trouxe em muitos momentos do romance *Mestra e Mãe*, as obrigações dos brasileiros e brasileiras, incentivando meninas a instruírem-se em nome da pátria. Amélia tornou suas personagens com maior empoderamento devido à instrução, fato que pode ser lido nas páginas do romance, através dos exemplos e conselhos descritos neste.

**TEMÁTICA LIVRE**

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

## Desconstruindo Amélia: apontamentos possíveis

De “ser incompleto”, como o pensamento aristotélico descrevia, até os espaços que habitam hoje, corpos femininos transbordam as fronteiras impostas pelo patriarcado, subvertendo normas que se fundamentaram nas complexas malhas elaboradas pelo saber-poder ao longo de vários contextos históricos.

Pecadoras, malditas, hereges. Degeneradas, incapazes intelectualmente, históricas. Frágeis, sentimentais, ardilosas, fofqueiras, escandalosas, mentirosas, traiçoeiras. As tantas desqualificações forjadas por mãos androcêntricas, que escreveram a História (com “H” maiúsculo) fundamentaram os modelos que previam a mulher “ideal”. Elas precisavam se enquadrar nos critérios estabelecidos patriarcalmente com a finalidade de compor o elemento estrutural que gesta, dá à luz, nutre, cuida e educa uma nação. Ora, para que tal intento se consolidasse, esse corpo deveria guardar-se sob o manto da moral, obediência, silêncio, doce e feliz.

Assim, “verdades” absolutas foram alimentando o imaginário social, emoldurando retratos femininos e povoando o senso comum através dos discursos religiosos, científicos, jurídicos, disseminando-se por entre leis, manuais, cartilhas, currículos, mídias, músicas, versos, expressões, pinturas, muros e ruas. Através dos mais variados espaços, ultrapassando os lugares necessários à circulação das disciplinas, essas teias esquadriharam o corpo feminino controlado, cantado aos quatro ventos e devidamente reproduzido para as futuras gerações como unidade universal e normal.

Educar corpos femininos se tornou necessário para que fossem atribuídas as funções de produtoras e reprodutoras da vida, em um processo criterioso que precisava de mestras padronizadas, convictas e missionárias, absolutamente resilientes em sua condição inferior. O corpo se tornou, a partir dessa proposta, um referente para a construção de identidades pessoais.

Os movimentos pelos quais Amélia Augusta Rodrigues do Sacramento comunicou sua experiência humana, feminina e cidadã, excederam as normas que ela publicamente pontuava. Propomos com essa escrita acompanhar tais mobilizações dentro do contexto experienciado por Amélia, retomando momentos histórico-sociais, bem como suas consequentes influências nos processos de subjetivação que produziram corpos femininos por meio de padrões estéticos propagados pelos discursos, alcançando assim o objetivo proposto para este artigo.

### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

A história/trajetória de Amélia, mesmo apontando algumas contradições, nos movimenta a pensar as suas estratégias de subversão para adentrar em espaços instituídos ao masculino. Apoiando-se nas virtudes morais da igreja católica, Amélia conseguiu realizar a dinâmica de “equilibrar” o conservadorismo feminino (obediência e conformismo) e perfurar buracos para que mais mulheres pudessem produzir enquanto escritoras ou mesmo enquanto outras profissões, incentivando e lutando para que estas pudessem ter acesso a instrução, avançando para além do lar.

**TEMÁTICA LIVRE**

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

## Referências

- ALVES, Ivya. **Amélia Rodrigues: Itinerários percorridos**. Salvador: NICSA/Bureau, 1998.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- SOUZA, N. L.; SILVA, S. L.; AMORIM, R. C. M. O controle do corpo feminino na contemporaneidade. **Episteme Transversalis**, v. 14, n. 3, pp. 234-245, 2023.
- DIONISI, Fábio. **Amélia Rodrigues**. 2021. Disponível em: [editoradionisi.com.br/folhaespiritacairbarschutel/2021/09/03/amelia-ridrigues/](http://editoradionisi.com.br/folhaespiritacairbarschutel/2021/09/03/amelia-ridrigues/). Acesso em: 14 de novembro de 2024.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Leya, 2013.
- LEITE, Márcia Maria. **Educação, cultura e lazer das mulheres de Salvador (1890- 1930)**. 1997. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.
- LOURO, Guacira. Mulheres na sala de aula. **História das mulheres no Brasil**, v. 2, pp. 443-481, 1997.
- MACHADO, J. S. A.; PENNA, C. M. M.; CALEIRO, R. C. L. Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. **Saúde em Debate**, v. 43, pp. 1120-1131, 2020.
- RODRIGUES, Amélia. **Mestra e mãe: Educação cívica e moral**. Bahia: Typ. Salesiana, 1929
- RODRIGUES, Amélia. **Paz**. Disponível em: [escritas.org/pt/t/2275/paz](http://escritas.org/pt/t/2275/paz). Acesso: 27 de fevereiro de 2024.
- SILVA, Caroline. A escrita feminina e feminista de Amélia Rodrigues: educação e infância das mulheres através das páginas de **Mestra e Mãe**. **Revista Feminismos**, v. 6, n. 3, pp. 156-169, 2018.
- SILVA, Caroline. **Representação e subjetividades infantis nos livros para crianças em Salvador no início do século XX**. 2017. Tese (Doutorado em História Cultural) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- VAZQUEZ, G. G. H. Sobre os modos de produzir as mães: notas sobre a normatização da maternidade. **Revista Mosaico**, 2014; 7(1), pp. 103-112.

### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

## THE 'REAL' WOMAN OF AMÉLIA: THE MORALIZED TRANSGRESSION OF THE HOUSEWIFE QUEEN

|   |   |  |
|---|---|--|
| <b>Juliana Farias Santos</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br><a href="mailto:juliana22fsantos1@gmail.com">juliana22fsantos1@gmail.com</a> | <b>Camila Barreto Cavalcante</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br><a href="mailto:psicologa.camilabarreto@gmail.com">psicologa.camilabarreto@gmail.com</a> | <b>Débora dos Reis Silva Backes</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br><a href="mailto:debsilvabac@gmail.com">debsilvabac@gmail.com</a> |
|---|---|--|

### ABSTRACT

The writing of this article was born from the inspirations provoked by the history and life of Amélia Augusta Rodrigues do Sacramento. A woman from the interior of Bahia, who distinguished herself in her time for having done more than was allowed to others, she learned not only to read and count, but to a range of possibilities of access to readings and materials that promoted her to an education beyond the home. This material restless and wants to shake up structures, questioning what the woman's body can do when she is at home, washes and irons, bringing authors such as Silva (1997) and Alves (1998) in the stories about Amélia and making conversations with Deleuze (1992), Foucault (1990, 2013) and Guacira Louro (1997). In addition to those who connect in these scribbles such as Machado and De Souza Nascimento. Amélia moved from duty to becoming. His life and the Education he defended provoked subversions, as well as his writing constituted itself as a revealer of paradoxes.

**Keywords:** Gender; Education; Amélia Rodrigues; Feminist writing; Morality.

### TEMÁTICA LIVRE

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

**LA MUJER 'DE VERDAD' DE AMÉLIA:  
LA TRANSGRESIÓN MORALIZADA DE LA REINA DEL HOGAR**

|   |   |  |
|---|---|--|
| <b>Juliana Farias Santos</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br>( <a href="mailto:juliana22fsantos1@gmail.com">juliana22fsantos1@gmail.com</a> ) | <b>Camila Barreto Cavalcante</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br>( <a href="mailto:psicologa.camilabarreto@gmail.com">psicologa.camilabarreto@gmail.com</a> ) | <b>Débora dos Reis Silva Backes</b><br>Universidade Federal de Sergipe<br>( <a href="mailto:debsilvabac@gmail.com">debsilvabac@gmail.com</a> ) |
|---|---|--|

**RESUMEN**

La redacción de este artículo nació de las inspiraciones provocadas por la historia y la vida de Amélia Augusta Rodrigues do Sacramento. Mujer del interior de Bahía, que se distinguió en su época por haber hecho más de lo que se permitía a los demás, aprendió no solo a leer y contar, sino a un abanico de posibilidades de acceso a lecturas y materiales que la impulsaron a una educación más allá del hogar. Este material inquieto y quiere sacudir las estructuras, cuestionando qué puede hacer el cuerpo de la mujer cuando está en casa, quién lava y quién plancha, trayendo a autores como Silva (1997) y Alves (1998) en los cuentos sobre Amélia y dialogando con Deleuze (1992), Foucault (1990, 2013) y Guacira Louro (1997). Además de los que se conectan en estos garabatos como Machado y De Souza Nascimento. Amélia pasó del deber al devenir. Su vida y la educación que defendió provocaron subversiones, así como su escritura se constituyó como reveladora de paradojas.

**Palabras-clave:** Género; Educación; Amélia Rodrigues; Escritura feminista; Moral.

**TEMÁTICA LIVRE**

|                            |             |       |      |      |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 14 | n. 1 | 1-18 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|